

Prefácio

Conheci o homem Joshua Choonmin Kang antes de conhecer o escritor Joshua Choonmin Kang. De fato, nosso primeiro encontro não precisou de palavras. Eu tinha ouvido falar do pastor Kang e do grande respeito que tinham por ele, tanto na Coréia quanto entre os coreanos da diáspora. Havia quase uma reverência por sua profundidade espiritual e discreta autoridade.

Num domingo à noite, eu deveria pregar na congregação que ele pastoreia, mas cheguei sem aviso, sozinho e sem tradutor, no primeiro culto da manhã, às 5h20min. O que eu queria era ver se conseguia ir além das palavras em coreano para captar de onde elas vinham.

Entenda algo, por favor: Eu não estava querendo saber se as palavras vinham do coração tanto quanto da mente — com certeza, uma boa coisa de se descobrir. O que eu procurava era uma fonte mais profunda; tentava descobrir se aquela pessoa cuidava de seu coração na presença de Deus. E acredite-me, não fiquei desapontado. De fato, fui tocado de um modo que não tenho palavras para expressar.

Sua igreja, a *Oriental Mission Church* [Igreja Missionária Oriental], está encravada no bairro coreano conhecido como *Koreatown*, no coração de Los Angeles. Mais de mil pessoas participam de cada um dos três cultos de domingo, lotando a igreja além do limite.

Naquela manhã de domingo, vi três coisas; coisas que em todas as minhas viagens quase nunca encontro numa pessoa. Vi um homem que tinha se encharcado de oração e se embebedado da Escritura, e vi um homem que tinha um genuíno cuidado pastoral por seu povo. Quando digo “genuíno cuidado pastoral”, refiro-me a um pastor que se colocou diante de Deus em nome de seu povo, que esteve ao lado deles no sofrimento e que tem compromisso com o crescimento de suas almas. Essas foram as coisas que vi naquela manhã.

Desde então, minha experiência com o pastor Kang tem sido confirmada, e até dobrada e triplicada. Que alegria é conhecer uma pessoa com uma formação de caráter tão profunda, com essa autoridade que não precisa de palavras, com uma santidade tão intensa! Sempre que estou com ele — orando e compartilhando no silêncio de seu escritório, caminhando e conversando pelas ruas agitadas de *Koreatown* ou comendo e rindo com ele num dos inúmeros restaurantes coreanos da cidade — sinto um poder compassivo e uma mansa autoridade fluírem dele. Ministar a Palavra da vida com ele em contextos coreanos pelos Estados Unidos (e na própria Coréia) é um privilégio e uma honra.

E agora encontro Joshua Choonmin Kang através de seus escritos. *O Caminho da Transformação*, o primeiro de suas duas dúzias de livros a ser traduzido para o inglês, é um tesouro. Ele me lembra a suave orientação espiritual dos autores espirituais clássicos. Do lado Protestante, os escritos de Andrew Murray, A. W. Tozer e Oswald Chambers. Do lado Católico, François Fénelon e Tomás de Kempis, e as cartas que Francisco de Assis escreveu para sua irmã Clare. Isto é, o livro do pastor Kang é literatura de sabedoria espiritual do mais alto nível.

O Caminho da Transformação fala ao coração. De uma forma gentil, mas persistente, ele insiste no fato de que nosso

coração deve estar sempre se voltando para a luz de Cristo, para o Amante da nossa alma, para o Caminho e a Verdade e a Vida — “até que depois de tantas voltas estejamos na direção certa”. Ao mesmo tempo, este livro alerta o coração, sempre atraindo e encorajando, nunca apontando e condenando.

O Caminho da Transformação é, num certo sentido, uma versão coreana do meu livro *Celebração da Disciplina*. Ou talvez seja mais correto dizer que *Celebração* é uma versão em inglês de *O Caminho da Transformação*, já que o original coreano antecede o meu. Seja como for, os temas dos dois livros se entrelaçam. É comovente testemunhar que ambos enfatizam as disciplinas espirituais reconhecidas mundialmente, disciplinas de solidão, simplicidade, serviço, meditação, estudo, oração, adoração e tantas outras — como os meios de que a graça de Deus se utiliza para a transformação da personalidade humana.

Além disso, os conselhos do pastor Kang são tremendamente razoáveis e práticos. Ouça o conselho simples que ele dá aos que estão fazendo uma vigília solitária no Saara do coração: “Um tempo de espera nunca será tempo perdido.” Ou veja as palavras de orientação aos que desejam um lugar de liderança na comunidade cristã: “A liderança cristã surge de joelhos dobrados, olhos marejados e corações quebrantados.”

Comecei o ano de 1996 com uma extensa meditação sobre João 11, a história da ressurreição de Lázaro. Em maio daquele ano, viajei para a Coreia, ainda meditando diariamente em João 11. Minhas experiências naquele país foram muitas e variadas; intensos períodos de oração em montes e reuniões especiais em zonas desmilitarizadas e muitas reuniões de oração, logo cedo de manhã. Perto do final da viagem, uma pequena congregação me deu um buquê com vinte e quatro rosas de cabos longos, como presente de despedida.

Na manhã seguinte, já de volta ao Colorado, sentei-me para ler e meditar novamente em João 11, a história da ressurreição de Lázaro. As rosas que recebera na noite anterior estavam sobre a mesinha do café, já começando a murchar. Então a *debar Yahweh*, a palavra do Senhor, veio a mim, dizendo que a igreja era como aquelas rosas — algumas ainda abertas, mas outras murchando, porque seus caules tinham sido separados da raiz.

Fiquei tão triste com essa constatação que comecei a chorar, pois sabia que era realmente verdade. Mas, então, ouvi uma palavra de esperança, uma palavra de ressurreição: “Eu farei a ressurreição da minha igreja, mas primeiro as raízes precisam ser restabelecidas.” Foi só então que entendi.

Tudo que eu tinha aprendido entre o bom povo da Coréia a respeito da vida de oração está intimamente ligado a esse sistema de raízes. O que estamos precisando desesperadamente hoje em dia não são experiências de oração que podemos ligar e desligar à vontade, como uma torneira; oração é vida fluindo continuamente. Foi então que Deus deixou inequivocamente claro para mim que ele havia escolhido usar o povo da Coréia para ensinar à família cristã do mundo inteiro a desenvolver o sistema de raízes da oração. Falo aqui tanto da Coréia do Sul quanto da Coréia do Norte, pois embora o Norte ainda precise receber a visitação de Deus, isso vai acontecer no tempo de Deus e como ele quiser.

O que precisamos urgentemente no Ocidente é de humildade, de um coração humilde para ouvir e aprender. E, se estivermos dispostos a ouvir e aprender, nossos irmãos e irmãs coreanos nos ensinarão sobre uma vida de oração realmente abundante. *O Caminho da Transformação* ensina exatamente isso. Que possamos ouvir e aprender!

Richard Foster

Agradecimentos



Este livro se concretizou graças às orações e ao apoio de muitas pessoas.

Gostaria de agradecer aos pastores Brian Kang, Doug Spriggs e Byoung-Cheul Jun pelo trabalho de tradução; a Emilie Griffin e William Griffin pela edição; e a Cindy Bunch por cuidar deste livro até sua publicação.

Quero agradecer de forma especial e carinhosa a Richard J. Foster por escrever o prefácio; creio que ele foi levantado por Deus para ser um líder espiritual da sua geração. Muitos de seus ensinamentos espirituais se refletem em meus textos. Sem seu incentivo, este livro jamais teria sido publicado em inglês.

Também agradeço aos que oraram por mim até que este livro fosse publicado: minha mãe, minha esposa Grace, minhas filhas Rebekah e Esther, e minha equipe pastoral.

Acima de tudo, agradeço a Jesus, que me levou a mergulhar nas profundezas de seu mundo espiritual.

Introdução

Vivo ao mesmo tempo em dois mundos, o Oriente e o Ocidente. Comunico-me em duas línguas, uma oriental e outra ocidental. Também tenho duas correntes de espiritualidade fluindo dentro de mim, uma asiática e a outra americana. Nasci e fui criado na Coréia, mas moro nos Estados Unidos há vinte e cinco anos.

Como coreano-americano, tenho duas visões de mundo. Às vezes, vejo uma coisa como um todo, e às vezes vejo apenas um detalhe. Quando olho para uma árvore, na realidade vejo a árvore inteira, mas às vezes penso apenas em suas raízes. Ao dar as boas-vindas à neve no inverno, enxergo nela apenas a semente da primavera. Quando passo por sofrimentos, vejo, ou procuro ver, a semente da alegria incrustada ali, dentro do sofrimento. Ao ser confrontado com os problemas da vida, tenho a tendência de procurar dentro deles as sementes da solução.

Por um lado, sou asiático, e minha espiritualidade vem do Oriente. Quando como uma fruta, penso em sua semente. Quando olho a semente, vejo a colheita. Quando penso num carvalho, vejo seu fruto. Quando olho seu fruto, penso numa floresta de carvalhos. Quando um fruto cai da árvore, o universo inteiro se revolve. Quando uma folha é agitada, todo o universo estremece. Quando o orvalho goteja, os planetas se precipitam vertiginosamente.

Por outro lado, sou americano, e minha espiritualidade também vem do Ocidente. Aprendi a fé e a cultura do povo americano. Tive o privilégio de conhecer líderes espirituais bastante disciplinados e com eles aprendi muito sobre a profunda espiritualidade. Ao mesmo tempo, aprendi muitos princípios ministeriais práticos e criativos com igrejas marcadas por um crescimento rápido.

Sim, eu amo o abstrato, mas também amo o concreto. Aprendi não só os “porquês” (princípios), mas também os “comos” (metodologias). Alcancei a espiritualidade que preenche minha vida interior e a liderança que expande minha vida eclesiástica.

Durante este tempo vivendo em dois mundos que muitas vezes não se entendem, aprendi como extrair harmonia do conflito. Inevitavelmente, o ponto de encontro, o ponto de equilíbrio, o ponto de união é Jesus Cristo. Jesus Cristo é a língua por meio da qual Oriente e Ocidente se comunicam. Ele é o Senhor de todas as coisas. Ele é o Criador dos céus e da terra, por sua Palavra. Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida.

Seu amor, compaixão, suavidade, paz, reconciliação e perdão são as partes que integram o discurso proferido nessa linguagem comum. Em Jesus, qualquer um pode amar e todos podem se comunicar.

Sim, Jesus é a linguagem. Ele é a Palavra, ainda que sua linguagem não tenha palavras; não há necessidade de palavras. Se podemos de fato dizer isso, então sua linguagem é a linguagem do silêncio. O silêncio é a chave que permite a entrada no lugar sagrado onde adoramos a Deus em nosso mundo interior. E quem nos recebe nessa entrada? O próprio Jesus.

Coisas profundas são boas. Sabores intensos, pensamentos, escritos e palavras repletos de profundidade, olhares e amor profundos. Geralmente, a profundidade está oculta aos

nossos olhos. No entanto, nós podemos senti-la, conhecê-la e revelá-la ao resto do mundo pelo tipo de vida que levamos. Como diz Richard Foster em seu livro *Celebração da Disciplina*: “Nossa necessidade mais premente hoje em dia não é ter uma quantidade maior de pessoas inteligentes, ou talentosas, mas sim ter mais pessoas profundas.”

Não é preciso dizer que quando começamos nossa vida espiritual não somos pessoas assim. Temos primeiro que escolher esse caminho, pois para crescer em virtude é preciso trabalhar duro. Isso não significa que precisamos ser sérios o tempo todo. Também há profundidade na alegria, na pureza, no refrigério, num sorriso brilhante — todas essas coisas são boas; afinal iluminam a vida espiritual.

Com este livro, gostaria de convidar o leitor a penetrar na vida profunda que tem suas raízes firmadas em Jesus. A busca da profundidade requer um pouco de esforço, mas no final nos levará a um mundo interior bem mais genuíno e profundo.

Peço a Deus que, à medida que for avançando na leitura deste livro, você se torne uma pessoa que põe o caráter acima do sucesso, a integridade acima da popularidade, a maturidade acima do crescimento e o serviço aos outros acima de seus alvos pessoais na vida.

Vamos nos colocar na presença do Senhor Jesus, que é a raiz da humanidade. Que sejamos um em Jesus, através de sua linguagem. Que aceitemos seu convite amoroso. E mergulhemos juntos nas profundezas do mundo espiritual interior.

O princípio

Parte 1

Comece esvaziando-se a si mesmo

Muitos dentre nós anseiam por transformação, mas no fundo temem essa mudança. No entanto, o crescimento espiritual começa quando esvaziamos nossa vida, pois esse é um processo que não começa com a plenitude, mas sim com o vazio. Nisso seguimos o exemplo de Jesus que “esvaziou a si mesmo, assumindo a forma de servo e fazendo-se semelhante aos homens” (Fp 2.7).

Até mesmo Jesus teve que dar espaço para que Deus agisse em sua vida. Embora tivesse uma posição privilegiada, ele abriu mão dela. A mesma coisa acontece conosco. Temos que nos esvaziar de tudo. Só então conseguiremos começar a receber as bênçãos de Deus.

Mas, afinal, o que significa esvaziar a si mesmo? Como entrar em sintonia com essa necessidade de nos entregar a esse processo?

Para ter uma idéia do que está envolvido nesse processo, vamos olhar para o exemplo de Abraão. Seu primeiro passo foi deixar sua casa e sua parentela em resposta ao chamado de Deus. Mas isso não envolveu apenas uma mudança de lugar. Ele teve que abandonar tudo o que havia conhecido até então: seu porto seguro, sua zona de conforto.

Deus também espera isso de nós. Ele espera que quebre-mos todas as pontes que nos ligam à nossa vida anterior, para

que possamos ingressar na nova vida que preparou para nós. Porém, deixar para trás nossa zona de conforto pode ser uma experiência aterrorizante. Ao deixar para trás o mundo que conhecemos, experimentaremos dor, sofrimento e medo.

Muitos, que como eu já passaram pela experiência de deixar o seu país de origem para viver em outro lugar, sabem bem do que eu estou falando. Suas histórias se somam a tantas outras narrativas em que transparece a dor de se deixar para trás a terra em que nascemos e vivemos. Que jornada indescritível! No entanto, não se trata apenas de uma mudança geográfica. Envolve muito mais do que um mero deslocamento no tempo e no espaço.

Partir não é apenas mudar de um lugar para outro. A atitude de deixar para trás, de abrir mão de tudo aquilo que até então se conhecia é algo que se passa num nível espiritual. É nesse nível que acontece a parte mais profunda da jornada. Essa jornada, na verdade, é uma transição de vida que envolve certos tipos de abandono: abrir mão de velhos hábitos e substituí-los por novos; esvaziar a si mesmo como uma espécie de preparação para receber toda a graça que Deus derramará sobre você.

Ao olhar para o exemplo de Abraão, para a forma como ele confiou em Deus, nos sentimos encorajados para enfrentar essa jornada. Deus ordenou a ele que oferecesse seu filho Isaque em sacrifício. Isaque, a tão sonhada promessa de Deus que se cumprira na vida de Abraão, de repente acabou se transformando na sua própria vida, na maior paixão do patriarca. A impressão que se tem é que o amor que ele sentia pelo filho tomou conta de todo seu coração, tomando o lugar de seu amor a Deus. Vista dessa perspectiva, a ordem de Deus para que ele sacrificasse o menino era, de fato, um chamado para que Abraão voltasse seu coração novamente para Deus.

Assim, Abraão teve que esvaziar seu coração, por ele estar repleto de um sentimento que não estava voltado para Deus.

Ao fazê-lo, Abraão abriu espaço para as abundantes bênçãos do Senhor. E foi por meio dessa entrega total e absoluta que ele se tornou amigo de Deus.

A história de Abraão é a primeira que encontramos na Bíblia, mas certamente não é a última. Ele sentiu na pele o que Deus Pai sentiria quando permitiu que seu próprio filho morresse na cruz. O coração do Pai também estava repleto de amor por seu Filho, mas por causa de nós, para salvar a humanidade, Deus o esvaziou desse amor.

Foi dessa mesma forma que grandes líderes se tornaram servos de Deus. Eles esvaziaram a si mesmos, abandonaram-se completamente, enchendo seu coração com nada mais do que Deus. E ao partirem deste mundo, deixaram aqui registradas suas pegadas para as futuras gerações. Lembrem-se da história de Moisés, que abriu mão do direito de ser filho da filha do faraó? O que aconteceu a ele? Tornou-se um profeta de Deus.

Lembrem-se dos apóstolos, que seguiram a Jesus: “Vinde a mim, e eu vos farei pescadores de homens” (Mt 4.19). Diante desse chamado, o que eles fizeram? Deixaram para trás os seus barcos e o modo como haviam vivido até então. E o que ganharam com isso? Eles ganharam o reino do céu.

Nós também devemos abrir mão de tudo. Devemos abrir mão das coisas terrenas em favor das bênçãos eternas.

A esse respeito disse bem o missionário Jim Elliot: “Sábias são as pessoas que trocam aquilo que não pode ser mantido por aquilo que não pode ser perdido.”

Será que nossas mãos não estão presas àquilo que já temos de sobra? Será que nunca receberemos as grandes coisas que Deus tem preparadas para nós? Para alcançar as bênçãos que Deus coloca todos os dias em nosso caminho, precisamos apenas abrir as mãos e estender os braços.